

## ***WandaVision* (2021) e a Quebra de Paradigma das Super-heroínas Desequilibradas<sup>1</sup>**

Thiago BASTOS<sup>2</sup>

Especialista em Educação  
Instituto A Vez do Mestre (AVM)

Laís ROXO<sup>3</sup>

Doutoranda em Comunicação  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

O presente trabalho de cunho exploratório visa observar como as super-heroínas de histórias em quadrinhos (HQs) são retratadas muitas das vezes de uma forma pejorativa em suas histórias, estabelecendo que as mulheres não seriam capazes de lidar com poder e assumirem o protagonismo de suas vidas. As HQs comumente mostram super-heroínas que, mediante uma grande quantidade de poder, passam por surtos de loucura e são destinadas à morte. A série *WandaVision* (2021) estabelece a heroína mais poderosa do Universo Cinematográfico da Marvel como uma mulher que sabe lidar com suas questões e não enlouquece mediante uma grande quantidade de poder em suas mãos.

**Palavras-chave:** História das Mídias Audiovisuais; História em Quadrinhos; Heroínas; Loucura; Séries de TV.

### **Introdução**

Este trabalho possui caráter exploratório através de levantamento bibliográfico, a fim de trazer ao debate alguns pontos observados na construção na figura dos heróis, mais especificamente, na figura das heroínas. Propomos observar como estas mulheres desenvolvem seus poderes e os apresentam, principalmente quando uma enorme carga de poder, seja ele psíquico, meteorológico ou manipulador de realidade, é designado à sua personagem. Este efeito torna-as, por certos períodos, protagonistas de seu enredo de

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

<sup>2</sup>Pesquisador de mídias impressas e audiovisuais. Especialista em Educação Ambiental pelo Instituto A Vez do Mestre (AVM), e-mail: thiagofreitasbastos@yahoo.com

<sup>3</sup>Doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), e-mail: roxolais@gmail.com

histórias, dando destaque a personagens outrora não tão desenvolvidas física ou emocionalmente.

### **A Construção da Figura do Herói Obedecendo a um Padrão Hegemônico**

O universo das histórias em quadrinhos (HQs) modernas, data de mais de um século na cultura ocidental recente (OCHABA, 2021). Este ambiente originalmente era predominado por um público masculino infantojuvenil, branco, de classe média, que era a classe social que conseguia ter acesso a esse tipo de publicação (BASTOS; GARCIA, 2020)

Historicamente, meninos foram ensinados a serem fortes, corajosos e não demonstrarem seus sentimentos. Chimamanda Ngozi Adichie, em seu livro *Sejamos Todos Feministas* (2014) diz que “ensinamos que eles não podem ter medo, não podem ser fracos ou se mostrar vulneráveis” (p.7). A simples demonstração de algum tipo de emoção era apontada como um sinal de fraqueza, comumente atribuído às meninas. Estas, ao tempo das primeiras publicações das HQs modernas, eram tratadas como futuras donas-de-casa, que deviam se preocupar com os afazeres domésticos e serem boas em serviços aos quais lhes eram atribuídos, tornando assim, a convivência com seus futuros maridos algo aceitável. As mulheres eram excluídas de serviços básicos como saúde e educação, servindo apenas de coadjuvantes dos homens em uma sociedade que as privava de expressarem seus sentimentos e desejos. Mulheres que tentavam fugir a este padrão eram por vezes tratadas como loucas ou amarguradas.

Em 1949 Joseph Campbell publicou o livro intitulado *O Herói de Mil Faces* (1997), onde constitui uma narrativa básica que é repetida em várias histórias de heróis pelo mundo e determina uma trajetória de sucesso onde o protagonista enfrenta diversos desafios, aprende, conclui seu objetivo e cresce como indivíduo. Todavia, a mulher, dentro da famosa trajetória do herói, foi originalmente tratada como coadjuvante, alguém que ofereceria algum auxílio ao paladino para que este conquistasse a sua recompensa e ascensão social. De acordo com Maureen Murdock, as mulheres não precisariam fazer a jornada, visto que elas já estão no local correto (MURDOCK, 1990, p.2). Não cabe neste momento julgar se a figura marginal da mulher no padrão apontado por Campbell é intencional ou apenas um reflexo da época em que o livro foi publicado. Contudo, qualquer livro, seja ele sacro ou secular é uma expressão histórica do tempo em que foi escrito, permitindo transparecer a realidade social em que o autor se debruçava.

Uma etapa da trajetória do herói relacionada no livro de Campbell (1997) é o “Encontro com a Deusa”, onde uma figura feminina de sabedoria encontra o paladino e o faz ter uma reflexão sobre o seu *eu interior*. Essa narrativa mística em relação a divindades femininas é comum em várias religiões e ceitas chamadas pagãs. Essas deusas são símbolos aos quais são conferidos extremo poder, mas ainda assim, perante a cultura cristã ocidental, é relacionada a uma figura profana, indigna de sucesso ou até mesmo respeito. Se traçarmos um paralelo entre as duas leituras, a “Deusa” apesar de ser mais poderosa e sábia do que o herói, não é merecedora de centralidade na história e importa apenas para servir ao homem, sendo este o único propósito de sua pequena e marginal trajetória.

Até os dias de hoje, a “Jornada do Herói” observada por Joseph Campbell serve como base para o desenvolvimento da maioria das histórias publicadas nos mais diversos tipos de mídia, sejam estes audiovisuais ou impressos. Por vezes algumas histórias tendem a quebrar este padrão pré-estabelecido obtendo uma certa notoriedade e satisfação perante o público.

### **As Notáveis Quebras de Padrões Hegemônicos**

O mercado de quadrinhos, como tantos outros, continham certa dificuldade para abranger mulheres em sua indústria, seja como autoras ou protagonistas de narrativa. Como exemplo, é possível relacionar a personagem *Black Fury*, criada por June Mills sob o pseudônimo de Tarpé Mills, aproveitando a possível confusão em não ter um gênero claro pelo nome a seus leitores. Foi publicada pela primeira vez em 1941 e diferente das outras personagens da época, não se escondia por trás de futilidades para acobertar sua identidade heroica, sendo assim a primeira personagem feminina criada por uma mulher (ROXO, 2018). Anos depois o título foi cancelado.

No mesmo ano, também nos Estados Unidos, é publicada a primeira história da Mulher-Maravilha, trazendo agora uma mulher como protagonista ao lado de personagens masculinos de destaque, num meio predominantemente estabelecido por heróis e sem espaço para mulheres de grande destaque. Apesar de um símbolo da luta feminista, a Mulher-Maravilha ainda conta com a presença da figura masculina para a condução de suas histórias (WRUBLEVSKI; GARCIA, 2019).

Apesar de questões de gênero serem palco para algumas histórias em quadrinhos, o papel da mulher sempre foi relacionado a ser vítima de armadilhas de super vilões ou tinham um papel secundário, auxiliando no desenvolvimento da trajetória do super-herói masculino (WESCHENFELDER, 2012). Por vezes elas podiam fazer parte das narrativas masculinas

como ajudantes, no formato de versões femininas dos heróis, como *Supergirl*, *Batgirl*, *Hawkgirl*, entre tantas outras. Ainda assim, de alguma forma, precisariam de ajuda dos heróis para completar a tarefa que lhes foi atribuída. (ROXO, 2018)

A década de 1960, reconhecida pela sua liberdade cultural e sexual, foi palco do nascimento de grandes heróis que não se limitavam mais uma vez a imagem do homem branco bem-sucedido de classe média. Surgia o majestoso Pantera Negra, um rei negro da nação de Wakanda. Apontavam nas lojas de HQs o espetacular Homem-Aranha, um adolescente que passava por problemas característicos de sua idade. O incrível Hulk esmagava seus inimigos e trazia seu alter ego como um homem relutante em aceitar a sua própria realidade. Os *X-Men* eram vítimas de ódio e preconceito por serem simplesmente diferentes (BASTOS; GARCIA, 2020).

**Figura 1.** Primeira aparição da Feiticeira Escarlata em *X-Men#4* de 1964



É então nos quadrinhos mutantes que se encontra a personagem foco da pesquisa: Wanda Maximoff, a Feiticeira Escarlata. Sua primeira aparição foi em *Uncanny X-Men #4*, de 1964, onde ela integrava a equipe de mutantes do mal liderada por Erik Lehnsherr, o terrorista mutante conhecido como Magneto. Anos à frente, ela viria a se tornar uma das heroínas mais poderosas de todos os tempos. Inicialmente, os poderes de Wanda estavam relacionados à sorte ou azar, fazendo com que acidentes acontecessem com seus inimigos, os atrapalhando em seus caminhos. Posteriormente, seus atributos foram designados como uma

mistura de dons mutantes com misticismo, já que Wanda estudou encantamentos e pôde desenvolver mais ainda suas capacidades sobre-humanas.

### **O Misticismo nos Quadrinhos da Marvel**

As artes místicas como forma de poder no Universo Marvel não são exclusivas da personagem da Feiticeira Escarlate. Alguns heróis e vilões também desenvolvem habilidades cabalísticas. Dentre os destaques podemos citar o mago Doutor Estranho, a mutante Magia, o cientista Doutor Destino e, por que não, antagonistas como o extradimensional Dormammu, o demônio Mephisto e o ardiloso Loki.

Entretanto, quando se trata de Wanda Maximoff, o seu passado incerto abre margem a certas interpretações dubitáveis sobre sua vida. A própria definição de seus poderes é uma incógnita, ora sendo resultado de seus dons mutantes natos, ora sendo fruto do estudo da magia e, em certos momentos, resultado de experimentos científicos com o seu corpo. Não é incomum que personagens femininas tenham mais origens incertas do que personagens masculinos, sendo a busca pela verdadeira essência uma narrativa comum entre elas.

Segundo Becker e Piispanen (2021), a magia no Universo Marvel pode apresentar três fontes. A primeira delas é fruto do poder pessoal, onde a personagem estuda para adquirir um certo grau de autoconhecimento e desenvolvimento particular. O maior exemplo deste tipo de magia é observado na figura do Doutor Estranho, o maior mago do universo. Ele precisa estudar para conseguir aprender e lançar feitiços, dos mais simples aos mais complexos, chegando à habilidade de manipulação da realidade.

A segunda fonte de poder mágico no Universo Marvel está relacionada à manipulação de energias naturais. A mutante Tempestade, chamada por vezes de “bruxa do tempo”, é um exemplo desta forma de poder. As suas habilidades inatas possibilitam a manipulação de energias naturais e controle de elementos climáticos como ventos, tornados, granizo, chuvas e trovões.

A terceira fonte de poder mágico no Universo Marvel é citada como a manipulação de energias cósmicas. Algo como o que acontece com a mutante Jean Grey ao absorver a Força Fênix, uma entidade cósmica constituída de puro poder.

É importante perceber que, durante sua trajetória de uma simples vilã a uma das mais poderosas heroínas do universo dos quadrinhos, a Feiticeira Escarlate desenvolveu suas artes místicas a partir destas três fontes distintas de poder. Ela estudou e aprendeu sobre feitiços,

manipulou elementos naturais, além de conseguir controlar a Força Fênix, fazendo-a se voltar contra seu próprio hospedeiro na época, o príncipe Atlante, Namor.

### **As Mulheres Mediante Grandes Quantidades de Poder**

Nas sociedades contemporâneas ocidentais, comumente, a mulher é colocada em uma posição de fragilidade e, por vezes, incompetência, principalmente, quando comparada a habilidades masculinas. Mulheres poderosas sob pressão em situações de extremo estresse, ao demonstrarem alguma emoção relacionada à tensão, costumam ser apontadas como loucas, amarguradas ou más. Via de regra são entendidas como indivíduos descontrolados, incapazes de exercer determinadas funções de chefia e poder em suas instituições (NEVES; NEVES, 2017).

A percepção por parte da sociedade de que mulheres em cargos de poder tendem a se descontrolar pois não teriam como lidar com determinadas responsabilidades pode ser caracterizada como violência de gênero, tendo como agressor o gênero oposto (NEVES; NEVES, 2017). Pierre Bourdieu (1999) diz que a dominação masculina é constituída não somente pela violência física, mas também pela violência simbólica.

As heroínas dos quadrinhos, infelizmente, não fogem a este estigma. Mesmo após mais de cem anos da publicação da primeira história em quadrinhos moderna e depois de décadas de luta feminista e desconstrução de estereótipos, ainda observamos narrativas em que as mulheres não conseguem administrar enormes quantidades de poder e “surtam”. De outro modo, a narrativa comum de heróis (ou vilões) que recebem uma quantidade enorme de poder, narram que eles apenas passam pela situação de aprender a controlá-los, mas em nenhum momento surtam por isso.

Até o séc. XIX, a psicologia relacionava a histeria exclusivamente às mulheres, já que esta condição estaria ligada ao útero e ocorria quando este órgão fosse excessivamente excitado. Fatores físicos e climáticos, como dias muito quentes ou muito frios, seriam fatores desencadeadores da doença. Portanto, a histeria só seria manifestada nas mulheres (BLEICHER, 2014). A partir deste ponto, as mulheres muitas vezes por motivos de situações adversas, eram apontadas como histéricas, loucas ou “surtadas”. Nos dias de hoje ainda observamos estes rótulos sendo direcionados às mulheres.

As heroínas supracitadas já passaram por situações de acúmulo de extrema quantidade de poder. Tempestade, uma das mutantes ômega – o mais alto nível na hierarquia de poder mutante – mais poderosas do mundo, já chegou a desenvolver tanto o seu poder que, em sua



fúria, perdeu o controle de suas habilidades e provocou desastres naturais, colocando a sua vida e de outros em perigo. Jean Grey, outra mutante ômega não menos importante, ao assumir o poder da Força Fênix, expandiu sua telecinese a níveis subatômicos e também universais, se descontrolando a ponto de consumir planetas e ceifando bilhões de vidas. A Feiticeira Escarlata, um dos seres mais poderosos do universo, também teve seus momentos de “surto”, característica que até hoje persegue a personagem, sendo um dos marcos da sua história, e levando essa narrativa a desdobramentos que até hoje reverberam no Universo Marvel. Em um dos instantes mais marcantes de sua vida, carregada de enorme tristeza pela perda de seus dois filhos, ela pronuncia uma frase: “*No more mutants!*” (“Chega de mutantes”, traduzido do inglês)<sup>4</sup>. Isto faz com que 99% da população mundial de mutantes perca os seus poderes. Estes mutantes agora sem poderes são considerados “mortos” dentro do próprio grupo social, pois foram destituídos de suas habilidades, tornando-se outras pessoas, “matando” seu *antigo eu* e iniciando uma nova vida como seres humanos normais.

**Figura 2.** A Feiticeira Escarlata quase extinguindo todos os mutantes do mundo



Personagens como Tempestade, Jean Grey e Feiticeira Escarlata passaram a ser mal compreendidas, sendo uma questão até de perigo eminente para o planeta Terra. O plano mais simples para que estas mulheres superpoderosas não fossem mais um contratempo sempre foi o mais instantâneo possível: a morte.

Por outro lado, heróis masculinos quando desenvolvem grande quantidade de poder conseguem facilmente administrar esta característica, sendo personagens memoráveis,

<sup>4</sup> Dinastia M. Editora Salvat, 2015.

desenvolvendo suas habilidades particulares e, por vezes, desempenhando papéis de líderes. Podemos lembrar de um dos maiores telepatas do mundo e também mutante de nível ômega, o Professor Charles Xavier, líder dos *X-Men* que, mesmo com habilidade suficiente, inclusive para dominar mentes de bilhões de pessoas ao redor do mundo, não o faz e consegue lidar facilmente com essa imensa quantidade de poder mental. O mutante mais poderoso do mundo atualmente nos quadrinhos, o jovem Franklin Richards, possui poderes de manipulação da realidade em nível cósmico, podendo inclusive criar universos em milésimos de segundo. As suas habilidades são incomparáveis até mesmo entre os grandes nomes da editora Marvel como os vilões Thanos e Galactus. Franklin, mesmo passando por momentos delicados de desenvolvimento emocional em sua puberdade e início da vida adulta, nunca sequer perdeu o controle do que estava fazendo ou foi uma ameaça àqueles que o cercam.

**Figura 3.** Franklin Richards criando um novo universo



### **A Série *WandaVision* e a Quebra de Paradigma da Heroína Louca**

A série *WandaVision* estreou no serviço de streaming *Disney Plus* mundialmente no dia 15 de janeiro de 2021. Ela apresentava dois personagens principais: Wanda Maximoff, a Feiticeira Escarlata e seu marido, o sintozóide Visão. Na trama, os dois levam uma vida pacata em uma cidade de subúrbio americano abordando temas cotidianos da vida de um casal em seus primeiros anos de matrimônio.



A série, apresentada inicialmente como uma espécie de *sitcom*, foi a primeira a ser desenvolvida para o *streaming* da Disney, aprofundando a história destes dois personagens que ainda eram não tão bem conhecidos pelo grande público, mas que faziam enorme sucesso há anos nos quadrinhos da editora Marvel.

Após uma vida de sofrimento e grandes perdas, dentre elas seus pais, seu irmão e seu marido, a Feiticeira passa por um momento de grande luto e recria, à sua maneira, o estilo de vida ideal que sempre quis ter. Longe de vilões e embates de grandes heróis.

**Figura 4.** Pôster de divulgação de *WandaVision*



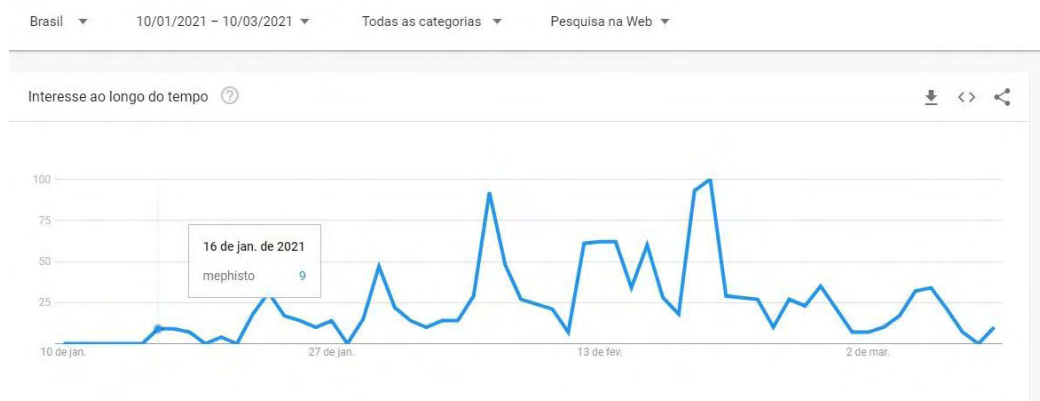
Um ponto que era previsível na série seria o momento em que Wanda não conseguiria administrar todo o seu poder e chegaria em um momento de loucura, afetando as pessoas à sua volta. Este momento já foi demonstrado em sua vida nas HQs inúmeras vezes, portanto não pareceria tão estranho quando ocorresse no mundo da série *live action*.

Em determinados momentos do programa somos levados a entender que alguém está dominando a frágil mente de nossa protagonista e fazendo com que ela utilize seu poder de manipulação da realidade para benefício de terceiros. Não é à toa que a série se tornou a mais popular do mundo durante seu período de exibição, fazendo com que fãs desenvolvessem teorias sobre cada episódio (MAYBERRY, 2021). Essa narrativa levou o público a imaginar que mais uma vez a Feiticeira seria representada numa forma física extremamente forte, mas com uma mente que beirava à loucura, algo típico de heroínas com grande quantidade de poder em suas mãos, como já mencionado anteriormente. Teorias sobre filmes e séries é um comportamento muito comum nos *fandoms*, principalmente os da Marvel. Porém, é viável

comentar que *WandaVision* teve uma grande movimentação de produção de conteúdo e teorias de fãs da Marvel até então (*THE ROUGH CUT*, 2021). Um personagem conhecido pelos leitores mais assíduos dos quadrinhos é o vilão Mephisto, comentado anteriormente. Em uma das histórias, nos quadrinhos, ele é o antagonista que está interessado no poder da Wanda e para isso, gera uma gravidez súbita que não é questionada pelos próximos (mesmo seu marido sendo um sintozóide e não podendo gerar uma vida humana) e dessa gravidez são gerados Thomas e William, posteriormente revelados como parte da alma do demônio Mephisto para se integrar ao poder da Feiticeira. É importante reiterar que, no momento que Mephisto absorve os gêmeos para se torna mais forte, Wanda é levada a insanidade e para não destruir o universo, a solução foi ter as todas as lembranças de seus filhos apagadas da sua mente, tendo reperfusões drásticas no futuro, como a extinção dos mutantes. Vale ressaltar essa conexão do vilão com a história da personagem porque, na série, esses filhos aparecem, e são gerados subitamente. Isso gerou uma movimentação dos fãs (*THE ROUGH CUT*, 2021) a comentar que, o verdadeiro antagonista da série seria o Mephisto, um personagem nunca antes apresentado no Universo Cinematográfico da Marvel (MCU).

Essa movimentação foi tão expressiva entre os fãs que, de acordo com dados do *Google Trends*<sup>5</sup>, a busca pela palavra-chave “Mephisto” em pesquisas brasileiras, no período de cinco dias antes do início da série até cinco dias depois da exibição de seu último episódio (dias 10/01/2021 a 10/03/2021) partiu de 0 menção no primeiro dia de busca, para 9 menções dia 16/01, subindo até seu pico de popularidade de acordo com a plataforma (100 menções) no dia 20/02. Tudo isso de um personagem desconhecido pelo grande público e apresentado, pelas muitas postagens e vídeos, como o verdadeiro mandante oculto da narrativa.

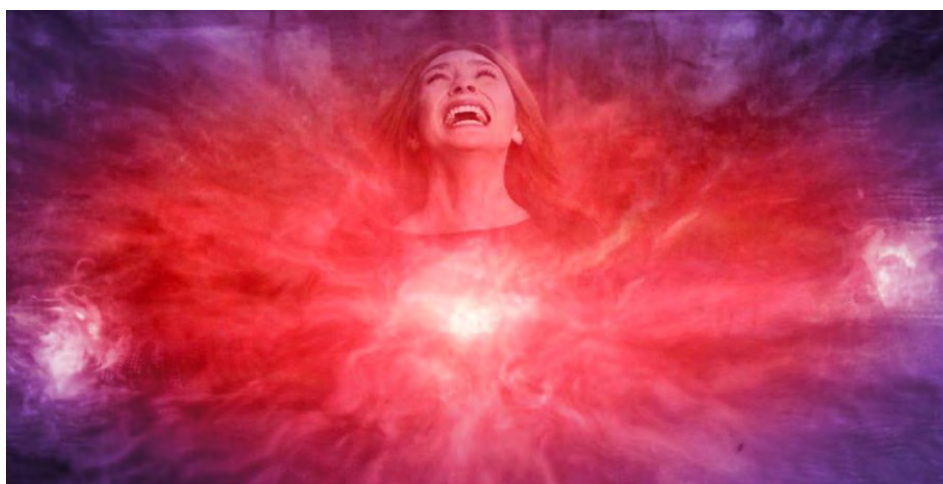
**Figura 5.** Variação de buscas do termo “Mephisto” pelo *Google Trends*



<sup>5</sup> Disponível em <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2021-01-10%202021-03-10&geo=BR&q=mephisto>. Acesso em 25 de maio de 2021.

Porém, para a surpresa dos fãs e telespectadores em geral, o que se viu foi uma mulher extremamente forte que sabia lidar com seus poderes e não estava sendo subjugada por qualquer outra pessoa. Desde o início, ela sabia o que estava fazendo, mesmo que isto custasse a sanidade mental das pessoas que a cercavam. Desta vez não foi a Feiticeira Escarlata quem estava fora de si, mas sim os habitantes da cidade, trazendo uma nova experiência jamais vista em seus enredos nos quadrinhos.

**Figura 6.** Wanda usando seus poderes para criar a sua própria realidade



Esta recente abordagem para uma heroína superpoderosa trouxe um novo significado para as mulheres no mundo dos super-heróis. Agora elas não são mais representadas apenas pessoas que não conseguem lidar com suas questões pessoais, sentimentos e poderes, mas seres dotados de extrema habilidade capazes de escreverem suas próprias histórias e serem condutoras de suas próprias vidas.

### **Considerações Finais**

De acordo com as questões apresentadas durante todo o trabalho, foi possível perceber que alguns estigmas acompanham personagens femininas quando a narrativa envolve algum tipo de habilidade inerente a dominação de algo considerado muito poderoso. Esse estigma carrega uma história silenciosa onde mulheres eram consideradas fracas, indefesas e consequentemente inaptas a coordenar qualquer tarefa que exigisse algum tipo de expertise. Essa lógica narrativa chegou aos quadrinhos e acompanhou as principais personagens femininas, algumas consideradas as mais poderosas desse universo fictício, que tiveram que lidar com algum tipo de poder fora do comum. Em algum momento da história essas

personagens iriam surtar, não aguentar a carga emocional ou até mesmo serem manipuladas e dominadas por forças externas, levando algumas vezes à sua morte.

*WandaVision* (2021) traz uma abordagem diferente em relação a essa carga emocional, e até mesmo uma abordagem sobre o luto. Em certo ponto da narrativa, Visão diz “mas o que é o luto, se não o amor que perdura?”<sup>6</sup>, levando o espectador a repensar toda a lógica de senso comum em relação a personagem.

O momento do “surto” era esperado pelos fãs já que, segundo as narrativas habituais das HQs, mulheres e, conseqüentemente, heroínas não conseguem lidar com poder. Porém, o que se viu na série *WandaVision*, foi uma mulher que está em processo de luto, mas ainda assim, não se deixa ser atingida psicologicamente por pessoas ao seu redor e busca nela mesma forças para superar este momento tão difícil para qualquer ser humano.

É interessante observar que – tomando uma certa liberdade em relação aos poderes da Feiticeira Escarlata – houve uma alteração da realidade a qual esta personagem estaria inserida e um “surto” coletivo dos fãs e telespectadores com teorias e explicações sobre a série que, muitas das vezes, sequer faziam sentido. Desde a busca por assuntos nunca antes mencionados pela Marvel em seus filmes, como o termo “Mephisto”, bem como outras insinuações narrativas que a série nunca teve a intenção, mas que pelos olhares emocionados dos fãs foram vistos como possíveis pistas.

Ao final da temporada o que se percebeu é que Wanda Maximoff não estava surtando, como muitos esperavam, mas quem estava com pensamentos totalmente fora da realidade eram os próprios fãs. Esta situação fez analogia direta com a loucura da personagem, tirando as pessoas de suas próprias realidades.

A série *WandaVision* abre, a partir de agora, uma prerrogativa para que mulheres superpoderosas não mais sejam incapazes de administrar suas vidas e seus poderes, mas sim serem fortes e confiantes o suficiente para apresentarem-se como o foco principal das narrativas de super-heróis nas próximas histórias.

## Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BASTOS, Thiago Freitas; GARCIA, Yuri. **A Representatividade das Minorias Sociais nas Histórias em Quadrinhos dos X-Men e Sua Importância para a Sociedade**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

---

<sup>6</sup> “But what is grief, if not love persevering?”. Episódio 8.

BECKER, Rob; PIISPANEN, Peter Sauli. *Guide to Magic in the Marvel Universe*. Disponível em: <<https://www.writeups.org/guide-to-magic-in-the-marvel-universe>>. Acesso em: 25 mai. 2021.

BLEICHER, Taís. **Freud e a Histeria: do Biológico ao Social**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 1997.

MAYBERRY, Carly. **Disney+'s 'WandaVision' Cast Into Top Viewing Spot Worldwide**. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/carlymayberry/2021/02/11/disneys-wandavision-cast-into-top-viewing-spot-worldwide/?sh=24d920f26133>>. Acesso em: 17 de junho de 2021.

MURDOCK, Maureen. **The Heroine's Journey**. Colorado: Shambhala Publications, 1990.

NEVES, Helena de Araújo; NEVES, Rita de Araújo. **A Representação da Mulher Descontrolada na Imagem de Capa da Revista Isto É que Retratou a Presidenta Dilma "Gritando"**. IN: Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

OCHABA, Sabine. 1890: **Primeira Revista em Quadrinhos**. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1890-primeira-revista-em-quadrinhos/a-834103>. Acesso em: 17 jun. 2021.

ROXO, Laís Coutinho. **GirlPower: a Representação do Feminino nos Quadrinhos. 2018**. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

WANDA VISION. **The Rought Cut**. Disponível em: <<https://theroughcutpod.com/wandavision/>>. Acesso em: 17 de junho de 2021.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. **As Super-heroínas Como Instrumento de Gênero nas Histórias em Quadrinhos**. Canoas: Centro Universitário La Salle, 2012.

WRUBLEVSKI, Matilde; GARCIA, Yuri. **Mulher Maravilha e o Protagonismo Feminino**. IN: DAVINO, Gláucia (org.) Narrativas Difusas em Suportes Sensíveis. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2019.